

Reflexões sobre o livro de Baba Muktananda

Jogo da Consciência

no cinquentenário de sua redação

por William K. Mahony

A redação inspirada de Baba Muktananda do livro *Jogo da Consciência: Uma Autobiografia Espiritual*, durante um período de vinte e dois dias, que deve ter sido muito intenso, cinquenta anos atrás, foi um momento-chave para história do caminho de Siddha Yoga como um movimento espiritual mundial. Publicado logo em seguida em hindi, como *Citsakti Vilās* e posteriormente traduzido para dezoito idiomas, o livro permitiu a buscadores e yogues de todo mundo acessar os ensinamentos de Baba e relatos de suas próprias experiências de *sādhana*, um conjunto abrangente de práticas espirituais que apoiam a evolução espiritual.

Este cinquentenário também dá aos Siddha Yogues e buscadores espirituais, de todos os lugares, uma oportunidade para compreender o lugar histórico que o *Jogo da Consciência* ocupa entre as tradições espirituais da Índia — tradições em que Baba era amplamente versado e um profundo conhecedor. Neste livro Baba recita linhas dos upaniṣad e textos subsequentes da filosofia vedānta, narrativas épicas do *Mahābhārata* e do *Rāmāyana*, da *Bhagavad Gītā*, literaturas de *sūtras*, os Purāṇas, passagens de textos Śaiva não duais, canções devocionais compostas por santos-poetas em muitas línguas tradicionais da Índia, e muito mais. *Jogo da Consciência* mostra como essas tradições espirituais surgidas na Índia e continuadas ao longo dos séculos foram mantidas vivas e atualizadas para praticantes de todo mundo de hoje. Como este livro demonstra, o que Baba passou a chamar de o caminho de Siddha Yoga é uma configuração única de ensinamentos e práticas que tem suas

raízes nas tradições místicas, devocionais e filosóficas da Índia. Seu livro é uma articulação magnífica do caminho de Siddha Yoga.

Em geral, em tradições indianas direcionadas para a iluminação — ou libertação espiritual, ou o que Baba chama de realização de Deus — o despertar espiritual do aspirante é entendido como decorrente de uma vida de prática espiritual árdua e disciplinada e o avançar a partir daí para estados mais elevados. Uma história clássica aparece no *Chāndogya Upaniṣad*, onde o buscador Śvetaketu estuda por muitos anos antes de poder ter acesso aos conhecimentos mais elevados. Em *Jogo da Consciência*, Baba apresenta o assunto como sendo o contrário. O caminho de Siddha Yoga que Baba descreve começa e é impulsionado adiante a partir de um momento de despertar conhecido como *śaktipāt*, que vêm através da graça de um Mestre espiritual, o Guru de Siddha Yoga. Esse despertar então empodera uma vida de *sādhana* e inspira o buscador a dar um impulso que o levará ao subsequente refinamento, crescimento e transformação espiritual.

O que é *śaktipāt*? O termo vem da literatura não dualista do Shaivismo, com a qual Baba estava profundamente familiarizado. A terminação *pāt* nesta palavra hindi (sânscrito, *pāta*) significa “descenso”. A palavra *śakti* se refere ao “poder” e, nesse caso, um poder divino. Em uma frase, então, *śaktipāt* é uma infusão do poder divino que descende de um Mestre plenamente iluminado para despertar o poder espiritual interior adormecido, que então apoia e eleva o esforço espiritual do buscador, levando-o, finalmente, à realização com Deus. Baba escreve que somente após o despertar da *śakti* é que seu intenso esforço espiritual começou a gerar frutos. Esse poder divino conhecido de várias maneiras na tradição Śaiva como Kuṇḍalinī Śakti, Citi Śakti e outros nomes que explicarei e definirei em breve — um poder que essa tradição reconhece como uma deusa e à qual Baba se refere como a Deusa.

Neste livro notável, Baba explica e demonstra como ele teve experiências e entendeu o desenvolvimento deste processo interior da realização de Deus — um processo que ele sabia ser impulsionado pelo *śaktipāt*, iniciado por seu Guru,

guiado pela Deusa, esclarecido através de seu próprio uso do intelecto, e — com o tempo — estabelecido através da sua *sādhana*.

II

Leitores do *Jogo da Consciência* recebem uma ideia inicial do que eles têm em mãos através do título e subtítulo do livro. O subtítulo indica que é uma autobiografia. Isso quer dizer que o livro não foi escrito por alguma outra pessoa sobre Baba. Como uma autobiografia, um dos seus aspectos mais notáveis e único é exatamente o quão pessoal ele é.

Este é um aspecto do livro que primeiro se destacou para mim e continua a fazê-lo. Li muitas biografias tradicionais de professores espirituais na Índia. Praticamente todos eles foram escritos muitos anos, até mesmo séculos, depois que esses professores viveram. Por exemplo, o *Buddhacarita (A vida de Buda)* foi escrito no segundo século da era comum., aproximadamente setecentos anos após à época de Buda. As narrativas apresentadas neste trabalho fascinante, e outros semelhantes sobre outras figuras do passado, acumularam uma quantidade considerável de lendas e influências hagiográficas ao longo dos anos anteriores à sua composição. O século XX na Índia viu um aumento de autobiografias reais, em primeira pessoa. Por exemplo, podemos pensar sobre *Minha Experiências com a Verdade*, de Mahatma Gandhi e em *Autobiografia de um Yogi*, de Paramahansa Yogananda. Embora esses livros influentes sejam claramente relatos significativos sobre as experiências pessoais dos autores, eles dão uma atenção substancial às configurações externas dessas experiências e aos eventos exteriores onde eles ocorreram. Este é um tipo particular de escrita pessoal.

A autobiografia de Baba é pessoal de uma maneira diferente. Embora ele mencione eventos exteriores importantes em sua vida — como seus encontros com professores fascinantes e outras figuras enquanto viajava a pé por toda Índia — a maioria do que Baba descreve são reflexões sobre suas experiências interiores. Sua autobiografia é verdadeiramente espiritual e não social, cultural ou política.

Menciono isso por dois motivos. O primeiro é que, pelo fato de Baba ser tanto aberto em seu compartilhar das próprias experiências como versado pelos ensinamentos das escrituras tradicionais, os leitores encontram neste livro uma fonte textual que pode guiá-los e inspirá-los em sua própria *sādhanā*. A segunda razão – e até mais significativa – é que, a autobiografia de Baba expressa, em narrativa imediata e pessoal, e com frequência de forma lírica e poética, o que foi apresentado nos textos das escrituras da Índia através dos séculos, apesar de às vezes de forma esotérica. A autobiografia de Baba personaliza esses ensinamentos escriturais profundos e, com isso, os torna acessíveis aos leitores contemporâneos.

Gurumayi Chidvilasananda, a Guru do caminho de Siddha Yoga pelos últimos trinta e seis anos, enfatiza de forma ainda mais convincente, o livro monumental de seu Guru. Em sua introdução à última edição *ao Jogo da Consciência*, Gurumayi escreve:

Os sábios tentaram explicar a Verdade suprema com incontáveis palavras, enchendo volumes. Não obstante, sempre guardaram a chave da experiência direta daquela verdade como um segredo apenas entre Guru e discípulo. Por essa razão, embora você leia as escrituras diversas vezes, não consegue extrair delas a verdadeira experiência da Verdade. Elas repetem: “Para isso, você necessita de um Guru”. A qualidade extraordinária do *Jogo da Consciência*, como muitos descobriram, é que ele pode realmente dar a experiência direta, não somente para aqueles que o leem, mas, frequentemente, para aqueles que simplesmente o folheiam ou tocam. ¹

Assim, em *Jogo da Consciência*, Baba compartilha suas experiências espirituais, as expressa em termos escriturais, e promove para muitos a experiência direta daquilo que ele descreve.

III

Esse aspecto profundamente pessoal de *Jogo da Consciência* personifica um de seus temas centrais, a saber, que os contornos das experiências de Baba demonstraram para ele o “jogo da Consciência” a que o título se refere.

O que é esse jogo da Consciência? Bem, para começar, desde cerca de dois e três mil anos atrás, os sábios indianos conheciam uma Realidade unificada e unificadora que é o alicerce, o fundamento e a fonte de todas as coisas no universo. Tal como esses sábios, Baba descreve essa Realidade máxima de maneiras variadas. Baseando-se nos primeiros Upaniçads bem como nos textos subsequentes da tradição Vedanta, Baba frequentemente se refere à presença divina e única em todas as coisas como Brahman. A tradição espiritual vedantina, como um todo, identifica Brahman com a Consciência (sânscrito: *cit*), que ela também identifica com alegria expansiva, e descreve Brahman como *sat-cit-ānanda* (Existência-Consciência-Êxtase).

Através dos séculos, sábios vedantinos também se referiram a Brahman como o Ser único e universal (*ātman*), que está dentro de todas as coisas e que é identificado com a Consciência. De forma similar, Baba fala sobre o Ser, que em seu livro se escreve com letra maiúscula, para indicar sua identidade com o Divino. A sua própria experiência do Ser o levou a saber que a Consciência universal habita dentro de cada pessoa como o seu próprio Ser mais profundo. Para Baba, esse poder e presença interior é Deus. Por exemplo, referindo-se ao Parabrahman (Brahman supremo), ele escreve: “O Ser de cada homem é integralmente parte de Parabrahman, Deus”.²

Assim como os sábios das tradições Śaiva clássicas, que floresceram há mil anos atrás, Baba associa a realização vedantina de Brahman e Ātman com o entendimento Śaiva de Śakti, que ele reverencia como a Deusa. Baba escreve, “Existe um poder interior divino dentro de cada homem e mulher”, e depois parafraseia uma passagem de um texto de yoga que estudou profundamente, escrevendo que “a Shakti, a grande Deusa, é da natureza de Brahman, o Absoluto.

As pessoas A chamam pelo nome de Kuṇḍalinī”³ — Kuṇḍalinī, aqui, se refere à energia espiritual da Deusa que existe bem na essência interior de cada pessoa. (Em seguida falarei mais sobre a Kuṇḍalinī.) Então, vemos aqui que Baba iguala a forma feminina de Deus tanto com a energia espiritual interior de qualquer indivíduo como com a forma mais elevada de Deus.

Ao se debruçar, extensivamente, sobre as tradições filosóficas Śaiva não-dualistas da Caxemira, que identificam a Consciência como a fonte organizacional de todas as coisas que existem, Baba ensina que a Consciência (*Citi*) é idêntica àquele Poder (*Śakti*) que cria, sustenta, dá vida, transforma e preenche tudo que existe. No *Jogo da Consciência*, ele cita a primeira linha da obra *Pratyabhijñāhr̥dayam*, do século XI de Kṣemarāja, com estas palavras:

Chiti, por Sua própria e livre vontade, cria o universo.⁴

Sendo assim, no contexto Śaiva, os conceitos de *Citi* e *Śakti* estão intimamente relacionados e, juntos, formam um dos nomes para a Deusa. Ela é, bem literalmente, *Citi-Śakti* (Poder da Consciência). Ao usar uma transliteração ligeiramente diferente, Baba diz que *Citi-Śakti* “pulsa por todo o universo” e, de fato, “o que chamamos de universo não é senão o jogo consciente de Chiti Shakti”.⁵

Aqui a palavra em hindi para “jogo” é *vilās*. Deriva do sânscrito *vilāsa*, que significa “passar a brilhar”, portanto “manifestação” e assim “jogo”. Por isso, quando colocadas juntas para formar uma frase, *citśakti-vilās* significa literalmente “o jogo da Consciência” – consequentemente, o título deste livro.

IV

Parece claro que Baba escreveu esta autobiografia, em parte, para encorajar seus leitores a compreender e perceber que toda existência é o jogo da Consciência. Ele escreve:

O que eu desejo transmitir é que o mundo é permeado por Chiti, pertence a Chiti, é Chiti. Se você olhar com os olhos do verdadeiro conhecimento, não encontrará nada no mundo que não seja Chiti. ⁶

Baba ensina que é esse mesmo poder – Citi Śakti, Kuṇḍalinī Śakti, Citi Kuṇḍalinī e outros termos que se referem àquilo que Baba chama de Mãe Divina ⁷ – que apoia a *sādhana* de Siddha Yoga. Ao falar sobre a Deusa, ele diz:

Ela realiza todas as ações e confere o fruto de todas as disciplinas espirituais. ⁸

Ao escrever este livro, Baba foi inspirado pela própria Deusa. É extraordinário que ele tenha escrito *Jogo da Consciência* em aproximadamente três semanas. De certo modo, Baba *ouviu* esse texto vindo da Deusa. Numa passagem fascinante, Baba diz:

Tudo neste livro é trabalho da Chiti. É um presente da Chiti, e uma criação da Chiti. ⁹

Neste mesmo contexto, Baba continua a aplicar este entendimento ao próprio caminho de Siddha Yoga. Ele escreve:

Siddha Yoga pertence a Deusa Citi. A finalidade deste livro é a realização de Citi; o nome *Citśakti Vilās* não foi escolhido, veio espontaneamente. ¹⁰

V

No *Jogo da Consciência*, Baba ensina que o poder da Consciência universal brilha no interior de cada um de nós como o que ele chama de “pura luz da inteligência”. Ele vê o poder do intelecto e o funcionamento da mente derivarem da natureza da própria Consciência. Ao se referir à uma passagem de *Pratyabhijñāhr̥dayam*, escreve,

A mente é a luz da Consciência em forma contraída. ¹¹

Portanto, Baba diz,

A mente é muito preciosa. Não a subestime ou a considere uma coisa comum. ¹²

Na *sādhana* de Siddha Yoga, o uso da mente e do intelecto encontram expressão no estudo espiritual, no cultivo e refinamento do discernimento, autoquestionamento disciplinado, e na prática da meditação. Baba escreve com poder e afetuosidade especial sobre o valor da meditação, ao dizer:

Quando *citta*, ou mente, se torna *caitanya*, ou Consciência pura, você é iniciado em um estado de êxtase supremo. Meus queridos, pensem nisso! Por que os grandes místicos, estabelecidos na Verdade, nos exortam à meditação? E por que insistem tanto que meditemos? O que os sábios aconselham é verdadeiro e é para o bem de todos, para o benefício de todos e para dar um caráter espiritual à vida cotidiana. Eles mostram Deus no mundo e o mundo em Deus. A mente é o meio fundamental para se encontrar a felicidade nesse mundo. É por isso que os sábios dizem: “Medite, medite em Deus. A mente é plena de Consciência. Perceba isso.” ¹³

VI

A autobiografia espiritual de Baba descreve a surpreendente variedade de experiências que podem surgir em meditação. Ele escreve, de forma cativante, sobre as muitas visões interiores de inúmeras deidades, cores e formas, personagens e cenário místico em vários domínios da existência que ele experimentou em meditação. Também descreve, lindamente, vários sons sagrados, sílabas e mantras que ouviu dentro dele mesmo. Portanto, também Baba teve a experiência do jogo de Citi Śakti conforme ela se movia poderosamente em seu corpo físico e sutil – algumas vezes de maneira surpreendente e inesperada, até mesmo desconfortável, ainda assim sempre de maneira benéfica.

Baba descreve vividamente a partir de suas experiências, como, uma vez desperta por meio de *śaktipāt*, a Kuṇḍalinī Śakti sobe através de canais (*nāḍīs*) existentes no corpo sutil, sobretudo no entorno da coluna vertebral. Ele conta como a Kuṇḍalinī Śakti desperta e potencializa vários níveis específicos da Consciência vislumbradas como centros de energia (*cakras*) onde os *nāḍīs* se encontram. Baba também descreve sua experiência da Kuṇḍalinī Śakti conforme ela se move pelo corpo sutil, removendo e dissolvendo vários obstáculos até sua expressão completa, conforme ela vai ascendendo a níveis cada vez mais elevados. Baba relata que, algumas vezes, para ele, isso levava a posturas físicas espontâneas e movimentos que a tradição Śaiva chama de *kriyā*. Baba observa que a Kuṇḍalinī Śakti, em última instância, alcança um cakra de beleza sublime na forma de lótus, com mil pétalas (*sahasrāra*), acima do corpo físico. Aqui, relata, a consciência individual, relativa se funde com a Consciência transcendente, universal. Para Baba, esta fusão de sua própria percepção com o jogo de Citi é a realização de Deus.

VII

Uma das qualidades mais impressionantes do *Jogo da Consciência* é a maneira vívida, lírica e estética pela qual Baba apresenta suas experiências interiores. Para citar apenas um exemplo, Baba conta sua visão de várias luzes interiores, lindamente coloridas, enquanto meditava:

Minha mente se absorveu nessa incrível radiância e com ela um estado muito elevado de amor começou a fluir em meu coração. Este amor era tão onipresente quanto os raios de luz azul saturando meus *nāḍīs*, e assim como essa luz, suas ondas e redemoinhos também saltavam e brincavam nos *nāḍīs*. Ele vibrava também nos órgãos dos sentidos. Ondas de Citi e de êxtase invadiam todo o meu ser. ¹⁴

Em outro lugar, ele escreve:

Se meditarem regularmente, a Shakti não tardará a lhes revelar Seus tesouros ocultos e os levará aos estados de meditação mais elevados. Nesse

momento, sua verdadeira beleza se revelará. Descobrirão as luzes divinas que existem em seu interior. São elas que dão brilho a seu corpo material... Quando esta beleza lhes é revelada, . . . vocês verão o mundo inteiro cheio de esplendor. ¹⁵

Referências aos *cakras*, *nāḍīs*, Kuṇḍalinī e assim por diante, agora são muito comuns no mundo da yoga contemporânea. Apesar disso, é importante entender que, através dos séculos, relatos de experiências diretas associadas a estes elementos eram muito raros. Além disso, Baba retorna frequentemente à sua visão da Consciência pois ela se revela no que ele descreve como uma Pérola Azul brilhando no espaço de sua consciência. Portanto, ele também escreve sobre seu encontro com esta Consciência radiante como a Pessoa Azul.

A partir da minha posição como acadêmico da área de religiões indianas, gostaria de dizer que estas descrições lúcidas de eventos sutis são muito extraordinárias. Tais experiências têm sido há muito tempo consideradas expressões de conhecimento esotérico secreto, reservado para pouquíssimos yogues de nível avançado. Em *Jogo da Consciência*, Baba as compartilhou com todos, com pessoas do mundo todo, para que todos os interessados pudessem ser versados nelas e também inspirados.

Os próprios leitores podem, ou não, ter tido experiências deste tipo. Em todo caso, qualquer um que esteja aberto para o despertar da Kuṇḍalinī Śakti em seu interior, qualquer que seja a forma que este despertar assuma, encontrará nas palavras de Baba um profundo apoio e encorajamento irrestrito, conforme eles observam o jogo da Consciência acontecendo dentro de si.

VIII

Para Baba, o despertar da Kuṇḍalinī Śakti é uma dádiva outorgada pelo Guru. De acordo com o pensamento filosófico Śaiva não-dualista, o próprio *śaktipāt* é uma expressão do poder da graça (*anugraha-śakti*) que é inerente não apenas ao Guru, mas também dentro da natureza de Citi como Consciência, pois em última

instância, o Guru e a Consciência são um só e o mesmo. Este despertar inicia os discípulos em uma vida de *sādhanā* e empodera seu crescimento espiritual, conforme trilham o caminho espiritual. Baba escreveu:

Um verdadeiro Guru desperta a Shakti interior do discípulo e o inunda com o êxtase do Ser. Assim é de fato um Guru: é aquele que desperta a Kuṇḍalinī Śakti interior por meio de *śaktipāt* e faz essa Shakti divina se mover no corpo da pessoa; é quem dá os ensinamentos da yoga, concede o êxtase do conhecimento e a alegria do amor divino; ensina o desapego na ação e confere a liberação nessa própria vida.¹⁶

Em toda a sua autobiografia, Baba demonstra dedicação e amor intenso ao seu Guru, Bhagavan Nityananda. Para Baba, a presença ponderosa do Guru estava encarnada na forma física de Nityananda e, ao mesmo tempo, pulsava em seu próprio ser como a presença interior do Ser divino. Ao descrever sua experiência de *śaktipāt*, ele diz que o “amor pelo Guru e um sentimento de unidade com ele surgiam sem cessar dentro de mim”. Ele se viu repetindo: “O Guru está dentro, o Guru está fora”.¹⁷ Referindo-se a Nityananda como Gurudev (mestre divino), Baba escreve: “O Gurudev! Como devo honrá-lo, como devo adorá-lo?” Inundado por uma reverência grata, representada pela palavra *jāya*, ele responde às próprias suas perguntas com uma declaração: “Sei que sempre repetirei: “*Jaya Gurudev, Jaya Gurudev, Jaya Gurudev*” e exclama: “Que sorte maravilhosa é ter um Guru assim, ser iniciado por um Siddha como esse”.¹⁸

Em um contexto Śaiva, o termo *siddha* refere-se àquele que alcançou e habita constantemente no estado mais elevado do Ser. Para Baba, não há nada mais valioso que a graça de um ser assim, pois um Guru de Siddha Yoga transmite o poder da Kuṇḍalinī Śakti e, portanto, desperta uma pessoa para a presença da divindade no mundo. A partir daí, a Kuṇḍalinī Śakti, como Citi Śakti, guia os discípulos em direção a uma experiência sempre crescente e à realização deste jogo da Consciência em seu interior. Ao ler esta autobiografia, vê-se claramente que, para Baba, a dádiva de *śaktipāt* vinda de um Guru de Siddha Yoga é o presente mais precioso que um ser humano pode receber.

IX

Dentre todos os componentes vitais e frutíferos da *sādhana*, talvez não seja surpreendente que, em *Jogo da Consciência*, Baba enfatize a imersão no amor devocional. Para Baba, este amor era especialmente dedicado ao Guru. Baba tem clareza em seu entendimento de que foi através da graça do Guru que ele se tornou consciente da presença divina dentro de si mesmo e de todos os seres. Baba escreve:

Um verdadeiro Guru desperta a Śakti interior do discípulo e o faz regozijar-se com o êxtase do Ser.¹⁹

Ele também escreve:

A glória do Guru é um profundo mistério e supremamente divina. Ele dá a uma pessoa um novo nascimento; lhe dá a experiência do conhecimento, lhe mostra a *sadhana* e o torna um amante de Deus”.²⁰

Falando de seu próprio Guru, Bhagavan Nityananda, Baba escreve:

Por sua graça, fazia seus devotos alcançarem o conhecimento e lhes mostrava a presença de Deus no mundo. Seu ensinamento aos homens e mulheres era: *paraspara devo bhava*, “Veja Deus em cada um”.²¹

Para Baba, o amor que é desperto pela dádiva de *śaktipāt* outorgado pelo Guru deve ser compartilhado com outros e com o mundo. Ele escreve: “A *sādhana* do amor é uma *sādhana* muito elevada”. De fato, “o amor é a verdadeira natureza de Deus”.²² Segundo Baba, um dos maiores efeitos de *śaktipāt* é que o discípulo desperta para um amor interior que anseia por se expressar. Ele escreve: “O amor está dentro de você e lhe proporciona experiências sempre novas”.²³ Para Baba, um indivíduo se abrir para este amor e expressá-lo em sua vida, inclui e abarca a

totalidade de sua *sādhana*. Perto do final do *Jogo da Consciência*, ele se dirige aos seus leitores da seguinte maneira:

Queridos buscadores! Sem amor, o conhecimento é inútil. Sem amor, a yoga não tem sentido. *Sādhana* sem amor, qualquer que seja ela, não pode levá-lo para a alegria do Ser. Deixem-se inundar pelo amor e disseminem esse amor entre os outros.²⁴

X

No início deste livro, Baba compartilha com os leitores sua “Oração a Shri Gurudev” e nela está incluído o pedido: “Que minha mente possa se fundir com a *Citśakti*”. De forma lírica e tão característica de Baba, sua autobiografia espiritual oferece aos leitores páginas e páginas das maravilhas da Citi Śakti, que ele mesmo teve a experiência através da graça de seu Guru e seus próprios esforços na *sādhana* — e dos ensinamentos que extraiu destas experiências. Cinquenta anos após ser escrito, o *Jogo da Consciência*, de Baba, continua a inspirar e encorajar buscadores ao apresentar uma visão acessível e atraente do desenvolvimento espiritual.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

¹ Swami Muktananda, *Jogo da Consciência: Uma autobiografia espiritual*, Rio de Janeiro: SYDA Foundation e SYD Brasil, 2000, p. XI. (Todas as referências a seguir se referem a este título e edição.)

² Página 6

³ Página XXIII

⁴ Página 28

⁵ Página 210

⁶ Página XXVI

- 7 Página 28-31
- 8 Página 28
- 9 Página XXVIII
- 10 Página XXVIII
- 11 Página 52
- 12 Página 52
- 13 Página 50
- 14 Página 176-177
- 15 Página 11-12
- 16 Página 19
- 17 Página 79
- 18 Página 24
- 19 Página 19
- 20 Página 19
- 21 Página 20
- 22 Página 265
- 23 Página 276
- 24 Página 278